

# **II SEMINA**

**II Semana de Egiptologia  
do  
Museu Nacional/  
UFRJ**

**CADERNO DE RESUMOS**



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



*Seshat*  
Laboratório de Egiptologia

LABORATÓRIO DE EGIPTOLOGIA DO MUSEU  
NACIONAL/UFRJ - SESHAT

# II SEMNA

## II Semana de Egiptologia do Museu Nacional/ UFRJ

02 a 05 Dezembro de 2014

<http://www.seshat.com.br/semna/>



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



*Seshat*  
Laboratório de Egiptologia

É com muita satisfação que saudamos todos os participantes deste evento!

A SEMNA – Semana de Egiptologia do Museu Nacional é uma atividade promovida pelo Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional/UFRJ – Seshat, com apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ e Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu Nacional/UFRJ, cuja primeira edição foi em 2013.

Semna era a designação, na Antiguidade, da fortaleza construída pelo faraó Senusret I, que governou entre c. 1965-1920 a. C., na Núbia. Tal como uma fortificação, nosso evento busca lançar bases sólidas na integração e divulgação da Egiptologia no Brasil.

Nosso primeiro objetivo é reunir pesquisadores da Egiptologia em diversas áreas de atuação em um ambiente propício ao debate e à cooperação acadêmica. A SEMNA também tem como proposta divulgar o conhecimento sobre o Egito Antigo ao grande público. Dessa forma, é possível aproximar a comunidade acadêmica daqueles interessados na civilização egípcia, garantindo a seriedade e a qualidade dos trabalhos apresentados.

A Comissão Organizadora.



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



### **COORDENADOR GERAL:**

Prof. Dr. Antonio Brancaglioni Jr.

### **COMISSÃO ORGANIZADORA:**

Rennan de Souza Lemos

Raizza Teixeira dos Santos

Thais Rocha da Silva

Cintia Gama-Rolland

Cintia Prates Facuri

Evelyne Azevedo

Julián Alejo Sánchez

Pedro Luiz Diniz von Seehausen

André Luís Silva Effgen

Regina Coeli Pinheiro da Silva

### **COLABORAÇÃO:**

Letícia Gomes – IH/UFRJ

### **APOIO**

FAPERJ - Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Museu Nacional - UFRJ

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - UFRJ

### **CADERNO DE RESUMOS**

Edição: Raizza Teixeira dos Santos



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



## **PARTICIPANTES**

Ana Paula de Souza - Universidade Estácio de Sá

André Luís Silva Effgen - Arqueologia - MN/UFRJ; Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Andrea Paula Zingarelli - Universidad Nacional de La Plata

Antonio Brancaglioni Jr - Curador da Coleção Egípcia; Coordenador do Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional - Seshat

Christiane Zivie-Coche - Directeur d'études; École pratique des Hautes Études Paris – France

Cintia Gama Rolland - École pratique des hautes études, Sorbonne – França; Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Cintia Prates Facuri - Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Claudia Rodrigues-Carvalho - Diretora do Museu Nacional/UFRJ

Daniel de Pinho Barreiros - IE/UFRJ

Érika Rodrigues de Maynard Ramos - USP

Evelyn Azevedo - Arqueologia - MN/UFRJ

Fábio Amorim Vieira - UDESC

Fábio Frizzo - UCAM; UNESA; PPGH-UFF; NIEP MARX-Prék

François Leclère - Ingénieur de recherche; Directeur de la Mission française des fouilles de Tanis/École pratique des Hautes Études Paris – France

Gabriela Alejandra Lovecky - Universidad de Buenos Aires

Gisela Chapot - PPGH/UFF

Joana Campos Clímaco - UFAM

Jorge Roberto Lopes dos Santos - Instituto Nacional de Tecnologia; PUC-Rio; Museu Nacional/UFRJ

Julián Alejo Sánchez - Arqueologia - MN/UFRJ; Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Juliana da Matta Furniel Dutra Santiago - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - ENSP/Fiocruz

Keidy Narely Costa Matias - UFRN



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



Liliana M. Manzi - CONICET-IMHICIHU; Universidad de Buenos Aires  
Lívia Cristina de Souza - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
María Laura Iamarino - Universidad de Buenos Aires  
María Victoria Nicora - IHAO-FFyL; Universidad de Buenos Aires  
María Violeta Pereyra - Diretora da Missão Arqueológica Argentina à Luxor, Egito – Tumba de Neferhotep; Universidad de Buenos Aires  
Patricia Cardoso Azoubel Zulli – FFLCH-USP  
Pedro Luiz Diniz von Seehausen - Arqueologia - MN/UFRJ; Seshat, Museu Nacional/UFRJ  
Raizza Teixeira dos Santos - Seshat, Museu Nacional/UFRJ  
Regina Coeli Pinheiro da Silva - Arqueologia - MN/UFRJ; Seshat, Museu Nacional/UFRJ  
Renata de Castro Menezes - PPGAS do Museu Nacional/UFRJ  
Renata Soares de Souza - Escola de Filosofia - Letras e Ciências Humanas; Universidade Federal de São Paulo - Unifesp  
Renato Nogueira – UFRRJ  
Rennan de Souza Lemos - Arqueologia - MN/UFRJ; Seshat, Museu Nacional/UFRJ  
Ricardo França Alves dos Reis - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - ENSP/Fiocruz  
Ronaldo G. Gurgel Pereira - Assistente de Post-doc da FCSH Universidade Nova de Lisboa; Seshat, Museu Nacional/UFRJ  
Sheila Maria Ferraz Mendonça de Souza - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - ENSP/Fiocruz  
Silvana Elena Fantechi - Universidad de Buenos Aires  
Simone Letícia Rosa Belmonte - Núcleo de Experimentação Tridimensional, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.  
Thais Rocha da Silva – Seshat, Museu Nacional/UFRJ  
Vanessa Fronza - UFPR



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



MUSEU NACIONAL  
UFRJ



Seshat  
Laboratório de Egiptologia

## SEMANA DE EGIPTOLOGIA DO MUSEU NACIONAL UFRJ

### PROGRAMAÇÃO

**Terça-feira - 02/12/2014**

**Credenciamento: (09h00 às 10h00):** Entrada do Auditório da Biblioteca do Museu Nacional

**Cerimônia de Abertura: (10h00 às 12h00):** Auditório da Biblioteca do Museu Nacional

**Abertura:**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Rodrigues-Carvalho - Diretora do Museu Nacional/UFRJ

Prof. Dr. Antonio Brancaglioni Jr - Curador da Coleção Egípcia; Coordenador do Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional – Seshat

**Mesa de Debates – 01 (14h00 às 16h00): O período de Amarna no Egito antigo**

**“Uma inundação no céu para os estrangeiros”: o Aton e os outros**

Regina Coeli Pinheiro da Silva – Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Rennan de Souza Lemos – Seshat, Museu Nacional/UFRJ

**A "Janela das aparições" e as concepções de Post-mortem na necrópole de Akhetaton**

André Luís Silva Effgen – Seshat, Museu Nacional/UFRJ



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



**Agindo Como Deuses: Um Olhar Sobre A Família Real Nos Relevos Amarnianos**

Gisela Chapot - PPGH/UFF

**Narrativas da Restauração: referências sobre a reforma amarniana nos governos sucessores**

Vanessa Fronza - UFPR

**Conferência – 01 (16h30min às 18h30min): Novas tecnologias de visualização e obtenção de arquivos 3D - de micro a macro estruturas.**

Prof. Dr. Jorge Roberto Lopes dos Santos – Instituto Nacional de Tecnologia, PUC-Rio; Museu Nacional/UFRJ

**Quarta-feira – 03/12/2014**

**Mesa de Debates – 02: (10h00 às 12h00): Contatos Culturais entre o Egito, o Sudão e o Mediterrâneo**

**Romanização no Egito Romano? Um debate sobre a validade do conceito.**

Pedro Luiz Diniz von Seehausen – Seshat, Museu Nacional/UFRJ

**O Egito na Núbia: emaranhamento cultural, práticas funerárias e hierarquias sociais (estudo de caso: o cemitério de Fadrus em Debeira)**

Rennan de Souza Lemos – Seshat, Museu Nacional/UFRJ

**O cenário colonial de Tombos e o Reino Novo egípcio: Cultura e etnicidade na África antiga**

Fábio Amorim Vieira – UDESC

**Egipcianização e Resistência na Núbia da XVIIIª Dinastia**

Fábio Frizzo – UCAM; UNESA; PPGH-UFF; NIEP MARX-PréK





UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



**Mesa de Debates – 03: (14h00 às 16h00):** Tumbas Tebanas

**Bioarqueologia no Egito: Algumas Considerações**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Rodrigues-Carvalho - Diretora do Museu Nacional/UFRJ

**Preservación y investigación en el Valle de los Nobles**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> María Violeta Pereyra - Diretora da Missão Arqueológica Argentina à Luxor, Egito –  
Tumba de Neferhotep; Universidad de Buenos Aires

**Devaneio e afetividade: repensando a espacialidade da Necrópole Tebana**

Julián Alejo Sánchez – Seshat, Museu Nacional/UFRJ

**Conferência - 02: (16h30min às 18h30min):** Des Hommes et des Dieux: Une Approche  
Anthropologique de la Religion Egyptienne

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Christiane Zivie-Coche - Directeur d'études; École pratique des Hautes Études Paris –  
France

**Quinta-feira – 04/12/2014**

**Mesa de Debates – 04: (10h00 às 12h00):** Religião Egípcia

**Reinterpretando a devoção; analogias entre o estudo do Egito Antigo e o estudo da  
contemporaneidade católica**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata de Castro Menezes – PPGAS do Museu Nacional/UFRJ

**A divindade Serápis: cultura, religião e sincretismo na Alexandria Greco-romana**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joana Campos Clímaco – UFAM



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



### **Expressões Materiais da Devoção Pessoal no Egito Antigo**

Cintia Prates Facuri – Seshat, Museu Nacional/UFRJ

### **Por uma visão egípcia: os símbolos e a imagética divina**

Patricia Cardoso Azoubel Zulli – FFLCH-USP

### **Mesa de Debates – 05: (14h00 às 16h00): Arte Egípcia**

### **Os Petroglifos de Qurta: Colapso Econômico-Ambiental e Modernidade Comportamental no Paleolítico Superior do Vale do Nilo (aprox. 11.000 a.C)**

Prof. Dr. Daniel de Pinho Barreiros – IE/UFRJ

### **O que queremos que as mulheres nos escrevam? As cartas demóticas e os estudos de gênero entre a iconografia e a papirologia**

Thais Rocha da Silva – Seshat, Museu Nacional/UFRJ

### **A representação real nos shabtis do Novo Império**

Cintia Gama Rolland - École pratique des hautes études, Sorbonne – França; Seshat, Museu Nacional/UFRJ

### **A recepção dos modelos egípcios na Villa Adriana**

Evelyne Azevedo - Museu Nacional/UFRJ

### **Conferência - 03: (16h30min às 18h30min): Daphnae et Tanis, recherches récentes sur deux sites urbains du Delta oriental du Nil**

Dr. François Leclère - Ingénieur de recherche; Directeur de la Mission française des fouilles de Tanis/École pratique des Hautes Études Paris – France



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



**Sexta-feira – 05/12/2014**

**Visitação e Apresentação dos Pôsteres: (10h00 às 12h00):** Hall da Biblioteca do Horto

**Um estudo sobre a relação entre homem e mulher no Egito Antigo: a imagem da mulher na sociedade egípcia**

Ana Paula de Souza - Universidade Estácio de Sá

**Perspectivas iconográficas y epigráficas sobre el gesto nini**

Andrea Paula Zingarelli - Universidad Nacional de La Plata

Silvana Elena Fantechi - Universidad de Buenos Aires

**El protocolo real y el proyecto político subyacente durante la dinastía XVIII**

Elisa Neira Cordero - Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires

**Os Escribas e a cultura mnemônica: um estudo sobre o Reino Médio**

Érika Rodrigues de Maynard Ramos - USP

**Una geografía de poder en la dinastía XII**

Gabriela Alejandra Lovecky - Universidad de Buenos Aires

**O Duat como um Espelho de Kemet: A Questão do Post-Mortem no Papiro de Ani (XIX Dinastia do Antigo Egito)**

Keidy Narely Costa Matias - UFRN

**La vida y la muerte en la conformación de redes sociales en la necrópolis tebana, Egipto**

Prof. <sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Liliana M. Manzi - CONICET-IMHICIHU; Universidad de Buenos Aires

María Victoria Nicora - IHAO-FFyL; Universidad de Buenos Aires



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



### **A Economia Antiga em Debate: O Caso do Egito Antigo**

Lívia Cristina de Souza Sigliani - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

### **La Ciudad de Akhetaton y su Fundacion como Nuevo Centro del Poder Político y Religioso Egipcio**

María Laura Iamarino - Universidad de Buenos Aires

### **A Imagem Divina de Menkeret na Tumba de Tutankhamun**

Raizza Teixeira dos Santos - Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Orientador: Prof. Dr. Antonio Brancaglioni Jr - Curador da Coleção Egípcia; Coordenador do Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional – Seshat

### **A Cleópatra de Mankiewicz (1963): Imperialismo, eurocentrismo e etnicidade na representação cinematográfica da Antiguidade**

Renata Soares de Souza - Universidade Federal de São Paulo/ Unifesp; Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

### **Isolamento e identificação de fungos em amostras retiradas de múmias egípcias da coleção do Museu Nacional do Rio de Janeiro**

Ricardo França Alves dos Reis - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - ENSP/Fiocruz

Orientadoras: Dr.<sup>a</sup> Sheila Maria Ferraz Mendonça de Souza - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - ENSP/Fiocruz

Dr.<sup>a</sup> Juliana da Matta Furniel Dutra Santiago - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - ENSP/Fiocruz



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



### **Estudos não invasivos aplicados em Múmias Egípcias A “Bela de Tebas” (Múmia Nº 176)**

Simone Letícia Rosa Belmonte - Núcleo de Experimentação Tridimensional, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

Antônio Brancaglioni Júnior - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Jorge Roberto Lopes dos Santos - Núcleo de Experimentação Tridimensional, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro; Laboratório de Modelos Tridimensionais, Instituto Nacional de Tecnologia, Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação.

Sheila Maria Ferraz Mendonça de Souza - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, FioCruz

### **Estudos não invasivos aplicados em Múmias Egípcias Sha-Amun-em-su “A Sacerdotisa Cantora de Amon”**

Simone Letícia Rosa Belmonte - Núcleo de Experimentação Tridimensional, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

Antônio Brancaglioni Júnior - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Jorge Roberto Lopes dos Santos - Núcleo de Experimentação Tridimensional, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro; Laboratório de Modelos Tridimensionais, Instituto Nacional de Tecnologia, Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação.

### **Mesa de Debates – 06: (14h00 às 16h00): Filosofia Egípcia**

#### **Elementos do pensamento egípcio ocultos no discurso hermético**

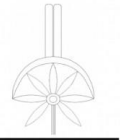
Dr. Ronaldo G. Gurgel Pereira - Assistente de Post-doc da FCSH Universidade Nova de Lisboa;  
Seshat, Museu Nacional/UFRJ

#### **Ética da serenidade na Filosofia de Amen-Em-Ope**

Prof. Dr. Renato Nogueira – UFRRJ



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



*Seshat*  
Laboratório de Egiptologia

**Hermes Trismegisto: O Egito Antigo e o Pensamento Hermético Árabe**

Cintia Prates Facuri – Seshat, Museu Nacional/UFRJ

**Cerimônia de Encerramento: (16h30min às 18h30min):**

**Conferência - 04: La tumba como ‘retrato’, entre la construcción social y la individual**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> María Violeta Pereyra Diretora da Missão Arqueológica Argentina à Luxor, Egito –  
Tumba de Neferhotep; Universidad de Buenos Aires

Entrega dos certificados aos participantes



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



## **SEMANA DE EGIPTOLOGIA DO MUSEU NACIONAL UFRJ**

### **RESUMOS**

**Terça-feira - 02/12/2014**

#### **A "Janela das aparições" e as concepções de Post-mortem na necrópole de Akhetaton**

André Luís Silva Effgen – Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Esta apresentação é um resultado preliminar do projeto de pesquisa em desenvolvimento intitulado “A Janela das aparições e o ouro da recompensa: Uma análise iconográfica acerca das concepções funerárias da elite egípcia antiga durante o período Amarniano (1353 – 1335 a. C.)”. Tem como objetivo refletir sobre a função que a cena da “Janela das aparições” ocupava na tumba de Parenefer, alto funcionário da corte do faraó Amenhotep IV/Akhenaton. Esse tipo de cena é, no nosso entendimento, central para que descortinemos o lugar da representação que o falecido, membro da elite, passa a desempenhar nas tumbas e o valor das mesmas no contexto funerário sob a nova perspectiva religiosa implantada pela reforma empreendida pelo faraó. Por meio da análise iconográfica pretende-se compreender a experiência religiosa da elite amarniana, no que diz respeito ao post-mortem, contidas nas relações com o rei e seu papel de intermediário entre esse mundo e o seu deus único, em um processo dialético onde se observará tanto o papel principal desempenhado pelo faraó nas representações das cenas, como também o papel secundário e condicionado do falecido membro da corte.



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



## **Agindo Como Deuses: Um Olhar Sobre A Família Real Nos Relevos Amarnianos**

Gisela Chapot - PPGH/UFRJ

Durante o curto reinado do faraó Akhenaton, a família real de Amarna, composta pelo referido monarca, por sua rainha Nefertíti e as seis filhas do casal, dominou a cena religiosa do período, protagonizando uma nova visão de mundo, fortemente desmitologizada, na qual os mesmos eram o centro do universo. Com base em um corpus imagético proveniente de Tebas e Akhetaton é possível observar a família do faraó ora cultuando o Aton, ora em gestos totalmente informais sob os raios do disco solar ou em exibições públicas diversas, que iam de deslocamentos pela cidade de Amarna, passando por surgimentos pomposos na Janelas das Aparições até uma grandiosa celebração estatal no ano 12. Pretendemos demonstrar, nesta comunicação, que, durante a reforma de Amarna, o grupo régio supracitado invadiu os contextos templário, funerário e doméstico e substituiu o antigo panteão, usurpando papéis antes delegados às mais diversas divindades egípcias, enfatizando sobremaneira o culto em vida da família real de Akhenaton.

### **Novas tecnologias de visualização e obtenção de arquivos 3D - de micro a macro estruturas.**

Prof. Dr. Jorge Roberto Lopes dos Santos – Instituto Nacional de Tecnologia, PUC-Rio e Museu Nacional/UFRJ

A apresentação pretende abordar as novas tecnologias não invasivas e não destrutivas de obtenção de arquivos 3D de estruturas diversas que variam desde micro estruturas através de microtomógrafos até varredura de superfícies de campo com drones especiais.





UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



## **“Uma inundação no céu para os estrangeiros”: o Aton e os outros**

Regina Coeli Pinheiro da Silva – Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Rennan de Souza Lemos – Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Em nossa apresentação procuraremos levantar e comentar alguns pontos referentes ao estudo do período amarniano considerando aspectos não específicos do cotidiano da cidade de Akhetaton em si, mas sim as relações das políticas empreendidas nesse período em favor do deus Aton em outros contextos. Defendemos a existência de um projeto de expansão da religião atoniana, o que pode ser percebido pela presença desse deus em contextos fora de Amarna, seja no próprio Egito, como em Mênfis, ou no Sudão, como em Sesebi. Trataremos das interpretações correntes sobre o período de Amarna, com base sobretudo nos achados arqueológicos provenientes de outros locais do vale do Nilo e nas terras estrangeiras.

## **Narrativas da Restauração: referências sobre a reforma amarniana nos governos sucessores**

Vanessa Fronza – UFPR

Marcado pela reforma de Amarna, o governo de Akhenaton (1352 – 1336 a.C.) é caracterizado como um período de transformações que atingem não só a esfera religiosa do Egito do Reino Novo, mas também o âmbito cultural, político, social e territorial. Após a morte deste faraó, dá-se uma retomada dos padrões político-religiosos anteriores à reforma, num processo conhecido como Restauração, que se inicia com a ascensão de Tutankhamon (1336 – 1327 a.C.) ao trono e perdura até o reinado de Horemheb (1293 – 1250 a.C.), faraó situado na transição entre a XVIII<sup>a</sup> e a XIX<sup>a</sup> dinastia. As referências ao período amarniano são percebidas nas fontes dos governantes sucessores de maneira implícita, sendo que, no Egito antigo, a escrita tinha poderes mágicos, relacionados à memória e permanência do que se escrevia ao longo do tempo. Entretanto, a problematização de fontes como a Estela da Restauração de Tutankhamon, ou o Texto de Coroação de Horemheb, deve considerar além do contexto de produção de tais documentos, a tradição da representação da figura faraônica, possibilitando uma análise que leve em conta não somente os



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



eventos anteriores à ascensão desses faraós, mas também os mecanismos ideológicos tradicionais do exercício do poder no Egito.

## Quarta-feira – 03/12/2014

### **Des Hommes et des Dieux: Une Approche Anthropologique de la Religion Egyptienne**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Christiane Zivie-Coche - Directeur d'études; École pratique des Hautes Études Paris –  
France

Dans l'étude de la civilisation égyptienne qui a perduré plus de 3000 ans, le fait religieux ne peut guère être dissocié de la politique, de l'histoire, de la vie quotidienne même, car il imprègne tous ces domaines. Il convient d'abord d'énoncer quelques principes de méthode pour aborder le champ de l'imaginaire et de la pensée symbolique des Égyptiens anciens. Il est indispensable de se départir des clichés qui règnent encore à propos de l'Égypte, et d'une pensée ethnocentrique qui ne peut conduire qu'à une incompréhension de cette civilisation disparue. À titre d'exemple, trop d'égyptologues ont analysé le monde des dieux égyptiens à l'aune des religions monothéistes, voyant dans les polythéismes anciens une forme de religion inférieure et un culte des idoles, associé à des pratiques magiques, considérées comme hors de la religion.

On essaiera d'abord de définir ce qu'est la « religion » des Égyptiens – la relation instaurée entre les hommes et les dieux qui peuplent l'univers, en étant conscients d'une sérieuse difficulté : le caractère fragmentaire de la documentation. En effet, les sources dont nous disposons, que ce soit des éléments de la culture matérielle ou des textes, ne représentent que peu de choses par rapport à la production du pays durant trois millénaires. De plus, on ne peut se fonder que sur des monuments, des objets et des écrits, mais on ne peut oublier que la transmission orale de rituels, prières, mythes, injonctions magiques, jouait un rôle important, même dans une culture qui tenait l'écrit pour fondamental. Enfin, il faut garder à l'esprit que la religion, comme tout autre composante d'une culture, n'est pas statique, mais évolue au fil du temps. Aussi faut-il comparer avec prudence des faits ou des textes séparés par des centaines d'années, même si se manifeste une unité structurelle de la religion égyptienne tout au long de son histoire.



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



L'existence des dieux permet aux hommes de répondre aux questions et aux peurs qui les habitent. Comment conçoivent-ils leurs dieux, à la fois dans leur monde et hors de leur monde ? Quelles relations établissent-ils avec eux sur la base de dons réciproques ? Qu'attendent-ils d'eux : expliquer les phénomènes incompréhensibles de l'univers, des origines à sa fin éventuelle ; faire régner Maât, droit et justice ; offrir l'espoir d'une survie après la mort dans l'autre monde, celui des dieux.

Le propos sera illustré par des images et des textes et accompagné d'une bibliographie.

### **Homens e deuses: Uma abordagem antropológica da religião egípcia**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Christiane Zivie-Coche - Diretora de Estudos; École pratique des Hautes Études Paris –  
França

No estudo da civilização egípcia que perdurou por mais de 3000 anos, o fato religioso não pode, de forma alguma ser dissociado da política, da história e mesmo da vida cotidiana, pois ele impregna todos esses domínios. Convém, primeiramente, enunciar alguns princípios de método para abordar o campo do imaginário e do pensamento simbólico dos egípcios antigos. É indispensável separar-se dos clichés ainda reinantes sobre o Egito e de um pensamento etnocêntrico que pode conduzir apenas a uma incompreensão dessa civilização desaparecida. A título de exemplo, muitos egiptólogos analisaram o mundo dos deuses egípcios segundo as religiões monoteístas, vendo nos politeísmos antigos uma forma de religião inferior e um culto a ídolos, associado a práticas mágicas, consideradas como fora da religião.

Tentaremos primeiro definir o que é a “religião” dos egípcios – a relação instaurada entre os homens e os deuses que povoam o universo, estando conscientes de uma séria dificuldade: o caráter fragmentar da documentação. De fato, as fontes das quais dispomos, seja elementos da cultura material seja textos, representam apenas pouca coisa com relação à produção do país durante três milênios. Além do mais, podemos apenas nos basearmos nos monumentos, objetos e escritos, mas não podemos esquecer que a transmissão oral dos rituais, rezas, mitos, injunções mágicas, tinham um papel importante, mesmo numa cultura que tinha o escrito como fundamental. Enfim, é



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



*Seshat*  
Laboratório de Egiptologia

necessário guardar em mente que a religião, como qualquer outro componente de uma cultura, não é estática, mas evolui com o tempo. Assim, deve-se comparar com prudência fatos ou textos separados por centenas de anos, mesmo se é manifesta uma unidade estrutural da religião egípcia ao longo da história.

A existência dos deuses permite aos homens responder às questões e aos medos que os habitam. Como eles concebiam os seus deuses, ao mesmo tempo no mundo deles e fora de seu mundo? Quais relações estabelecem com eles na base de dons recíprocos? O que eles esperam deles: explicar os fenômenos incompreensíveis do universo, das origens ao seu fim eventual; fazer reinar a Maât, direito e justiça; oferecer a esperança de uma vida após a morte no outro mundo, o dos deuses?

O propósito será ilustrado por imagens e textos e acompanhado de uma bibliografia.

### **Bioarqueologia no Egito: Algumas Considerações**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Rodrigues-Carvalho - Diretora do Museu Nacional/UFRJ

O termo bioarqueologia vem sendo utilizado desde os anos de 1970 para referir-se aos estudos de remanescentes biológicos recuperados em contexto arqueológico. No que diz respeito aos remanescentes biológicos humanos, o uso do termo surge em meio à perspectiva de estreita relação entre dados culturais e biológicos na reconstrução do passado humano e à necessidade de abordagens multidisciplinares para tal. Questões como comportamento, economia, estilos de vida, conflitos sociais, entre muitas outras, estão presentes nas discussões bioarqueológicas desde sua origem. O termo, é claro, é precedido de décadas de estudos sistemáticos de remanescentes biológicos recuperados em contexto arqueológico, nos quais predominavam análises pontuais e/ou descritivas que careciam de uma abordagem, de fato, biocultural.

As práticas culturais do antigo Egito e as características climáticas ainda vigentes permitiram a preservação excepcional de remanescentes biológicos, em especial corpos mumificados de humanos e outros animais e restos botânicos variados, os quais foram e continuam sendo intensamente estudados. Abordagens a partir de uma perspectiva bioarqueológica, são obviamente empregadas em muitas investigações, mas, como em muitos outros locais, o uso do termo nem



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



sempre é acompanhado do emprego de seus pressupostos. Em 1996 Jerome Rose publicou uma bibliografia devotada às pesquisas bioarqueológicas no Egito e Núbia. Em 2013, o termo volta a ser destaque em conferência devotada ao campo. Realizada na cidade do Cairo, o encontro intitulado Conference on the Bioarcheology of Ancient Egypt, em sua chamada geral para trabalhos pretendia o encontro entre pesquisadores de diferentes áreas estabelecidas (egiptologia, antropologia física, zooarqueologia e arqueobotânica), o que talvez possa ser um indício de que o campo ainda se constrói, sob o peso dos limites de cada disciplina.

No presente trabalho apresentamos uma breve análise sobre o desenvolvimento da bioarqueologia no Egito, seus limites e perspectivas para o futuro.

### **O cenário colonial de Tombos e o Reino Novo egípcio: Cultura e etnicidade na África antiga**

Fábio Amorim Vieira – UDESC

De muitas maneiras, podem-se perceber divergências e aproximações entre os contextos egípcio e núbio na antiguidade por meio de costumes e práticas. Pontual a esta afirmativa, o cenário funerário de Tombos nos reflete a condição núbio em períodos cujo contato faraônico se tornou expressivo nas terras nilóticas meridionais africanas. Assim, a presente comunicação objetiva explorar o espaço cemiterial núbio em Tombos, localizada ao sul da terceira catarata do rio Nilo, no Sudão. Com fortes ligações em relação ao Egito faraônico no denominado Reino Novo egípcio, anseia-se perceber neste quadro funerário refrações da condição núbio do período diante do controle imperial faraônico. Com isso, a partir da exposição de análise arqueológica dos dados disponíveis, buscar-se-á abordar pontos já consolidados na discussão acerca do domínio faraônico sobre o Sudão, como os conceitos de egipcianização, cultura e etnicidade.



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



## **Egipcianização e Resistência na Núbia da XVIIIª Dinastia**

Fábio Frizzo – UCAM; UNESA; PPGH-UFF; NIEP MARX-PréK

As relações entre o que se convencionou chamar de Egito faraônico e Núbia na XVIIIª Dinastia são um assunto espinhoso. Desde o início do período, tais relações foram marcadas por força e resistência expressas de diversas formas, a começar pelas ações militares da dinastia tebana contra os kushitas e estendendo-se à incorporação administrativa do território de Wawat e a submissão indireta do território de Kush. Neste contexto de dominação, parece-me imprescindível fazer alusão à assimetria das relações de trocas culturais. Desta maneira, o trabalho partirá de uma visão que privilegia o conflito frente à integração e buscará defender o conceito de egipcianização, entendendo-o como ferramenta conceitual mais adequada à explicação da totalidade social daquela realidade, especialmente quando utilizada em conjunto com uma visão complexa de uma sociedade núbica composta por classes com interesses antagônicos expressos em suas diversas relações com a administração imperial faraônica.

## **Devaneio e afetividade: repensando a espacialidade da Necrópole Tebana**

Julián Alejo Sánchez – Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Os espaços mortuários e de culto estão ligados a uma memória social e a uma identidade da comunidade imaginada. Este tipo de espaços, como todo aquele que tem sido vivido, nunca pode ser neutro. Desenvolve emoções - apego, medo, rejeição, saudades - relacionado a ele e, como tal, torna-se uma ferramenta para a imaginação, para as representações inconscientes de estados afetivos. O afeto é um motor evocativo que apaga o tempo cronológico e se transforma em uma janela onde percebemos a totalidade. Quando o sujeito lida com espaços externos o devaneio pessoal insere imagens espaciais íntimas e auto-referenciais. Desta forma, a existência de um sujeito no espaço pode ser vivenciada como um envolvimento prático no fluido de informação perceptiva.



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



Diante deste cenário, proponho uma topoanálise da Necrópole Tebana onde os espaços de culto e os túmulos não são apenas o palco onde acontecem os rituais, senão que estes espaços são eventos em si mesmos, pontos de evocação que levam à atemporalidade e à simultaneidade de um tudo.

### **Preservación y investigación en el Valle de los Nobles**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> María Violeta Pereyra - Diretora da Missão Arqueológica Argentina à Luxor, Egito –  
Tumba de Neferhotep; Universidad de Buenos Aires

El desarrollo de un conjunto de proyectos llevados a cabo en el marco de la Misión Argentina en Luxor se presentan como producción interdisciplinaria de los especialistas de diferentes nacionalidades que participaron con sus aportes durante más de una década.

El valor patrimonial de la tumba de Neferhotep (TT49) y la complejidad de los problemas que la afectaban fueron los que definieron las líneas de trabajo y los que convocaron a investigadores y conservadores. La diversidad de abordajes que requirió la conservación e investigación de TT49, justificaron la implementación de las estrategias y métodos que representan innovaciones de relevancia para la antigua necrópolis tebana de los funcionarios.

### **Romanização no Egito Romano? Um debate sobre a validade do conceito.**

Pedro Luiz Diniz von Seehausen – Seshat, Museu Nacional/UFRJ

O desejo de vincular identidade e etnia aos objetos e monumentos é uma preocupação recorrente na história da arqueologia. Desde o período da renascença em diante, a cultura material é classificada e dividida entre determinados grupos. Durante as primeiras décadas do século XX, o histórico culturalismo partia do princípio que a cultura material do passado refletia diretamente aos grupos étnicos do presente. Neste contexto surge um considerável número de trabalhos sobre a relação de Roma e suas províncias pautados no conceito de romanização. Este conceito que no



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



início estava fortemente associado à ideia de aculturação, foi bruscamente reconfigurado com o passar do tempo. Contudo, apesar de ser amplamente utilizado em trabalhos sobre o Egito Romano, pouca discussão tem sido feita sobre sua validade. Através de um estudo de caso envolvendo as estelas funerárias de Therenoutis, debateremos sobre a validade da aplicação do conceito de romanização no caso dos contatos culturais concernentes ao Egito durante o domínio romano.

### **O Egito na Núbia: emaranhamento cultural, práticas funerárias e hierarquias sociais (estudo de caso: o cemitério de Fadrus em Debeira)**

Rennan de Souza Lemos – Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Este trabalho se insere no âmbito das recentes discussões teóricas sobre a presença egípcia na Baixa Núbia (parte do atual Sudão), destacando o caráter ativo das populações núbias frente ao imperialismo egípcio do Reino Novo. Buscaremos relativizar o papel egípcio na região a partir das práticas funerárias, fugindo de uma perspectiva que enfatiza a total assimilação de costumes egípcios por parte dos núbios. Propomos a operacionalização do conceito de emaranhamento cultural, na medida em que é possível distinguir escolhas que não necessariamente expressam total assimilação de crenças e práticas egípcias pelos núbios, assim como não caracterizam claramente resistência: o que se tem é uma mistura de elementos egípcios e núbios, gerando o novo. Nosso estudo de caso será o cemitério de Fadrus, na região de Debeira na Baixa Núbia, onde se pode observar a complexa dinâmica cultural entre egípcios e núbios, ambos agentes de mudança em um contexto colonial. As escolhas percebidas nos enterramentos da população dessa região estavam condicionadas por suas posições de classe. Dessa forma, buscaremos compreender as escolhas não somente entre dois grupos culturais distintos, mas também entre diferentes classes sociais no seio dessas culturas. Esta será também uma contribuição ao debate sobre hierarquias sociais no Egito e na Núbia durante o Reino Novo, na medida em que procuramos compreender escolhas duplamente ativas: núbias – em relação ao Egito então presente na região – e populares.





UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



**Quinta-feira – 04/12/2014**

### **A representação real nos shabtis do Novo Império**

Cintia Gama Rolland - École pratique des hautes études, Sorbonne – França e Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Nessa breve comunicação, trataremos de nossa pesquisa de doutorado, em andamento, em que tentamos compreender como funciona a associação da imagem real, com suas coroas, cetros e, conseqüentemente, regalia completa, com a ideia de trabalho agrícola no pós-vida. Passando por questões tais como a demotização e as oscilações nas visões dos aléns egípcios.

Desejamos apresentar, assim, como uma imagem clássica do soberano pode aparecer ou não associada aos trabalhos realizados pelas esferas mais baixas da população, analisando a relação entre texto e objeto, bem como a representação normatizada da realeza em estatuetas associadas a uma ideia de corveia e trabalho imposto por uma entidade superior, nesse caso Osiris. Tentando, ao mesmo tempo, observar, se, após a morte, tanto faraós quanto particulares estão num mesmo nível representativo e de atividade nos domínios ocidentais.

### **Expressões Materiais da Devoção Pessoal no Egito Antigo**

Cintia Prates Facuri – Seshat, Museu Nacional/UFRJ

A existência de uma expressão religiosa pessoal no Egito antigo em conformidade com a religião oficial vem sendo discutida desde o início do século XX, baseada em evidências que mostram o contato direto entre os devotos e as divindades em um nível pessoal. Os objetos votivos podem ser considerados o testemunho material desta devoção, nos oferecendo indícios de como poderia ser a atitude ritual dos devotos. Este ato imaterial da devoção está presente em alguns dos próprios objetos votivos, através de inscrições, gestos representados, entre outros. O presente trabalho tem como objetivo apresentar os principais conceitos acerca da devoção pessoal e os testemunhos materiais desta crença, sendo exemplificada através das estatuetas votivas em bronze,



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



consideradas um dos principais meios de contato entre a esfera divina e humana a partir do III Período Intermediário.

### **Os Petroglifos de Qurta: Colapso Econômico-Ambiental e Modernidade Comportamental no Paleolítico Superior do Vale do Nilo (aprox. 11.000 a.C)**

Prof. Dr. Daniel de Pinho Barreiros – IE/UFRJ

Na história evolutiva do *H. sapiens*, a eclosão de expressões de pensamento abstrato, e especialmente da arte imagética, são aspectos pioneiros da chamada “modernidade comportamental”, que hoje sabemos ter se manifestado de forma relativamente simultânea nas sociedades do Paleolítico Superior por todo o Velho Mundo. Como o Vale do Nilo certamente ofereceu uma das principais rotas de migração de grupos sociais humanos para fora da África, e ao longo do período marcado pelo Último Máximo Glacial (26 a 13 mil anos atrás, aproximadamente.) galvanizou populações que se refugiavam das condições inóspitas causadas pela intensa aridez nos Desertos Oriental e Ocidental, soava como improvável a ausência de manifestações artísticas ao norte da Segunda Catarata até o final do Pleistoceno. Arte, especialmente envolvendo a produção de imagens muralísticas, estiveram na Europa associadas à fragilidade das redes sociais de longa distância, fortemente tensionadas pelo colapso ambiental decorrente da Última Glaciação. Os desafios análogos enfrentados pelas populações humanas no Vale do Nilo nessa mesma etapa de longa duração não eram coerentes com o fato de as primeiras expressões de arte imagética só aparecerem supostamente no Holoceno, como era o caso dos petroglifos de El-Hosh (situados a 30 km ao sul de Edfu), datados de aproximadamente 5 mil a.C. Foi só a partir da descoberta dos petroglifos de Qurta (situados a 15km ao norte de Kom Ombo, na margem oriental do Nilo), datados de aproximadamente 13 a 11 mil a.C, que finalmente o Egito se inseriu no mapa da produção artística paleolítica. Assim, essa exposição, de caráter exploratório, terá como objetivo desenvolver algumas hipóteses sobre a relação específica entre os petroglifos e a mudança climática no Vale do Nilo, entre a imagética das representações naturalísticas e o estresse ambiental imposto sobre as estruturas socioeconômicas dos grupos humanos nilóticos, e entre todos esses fatores e a manifestação da modernidade comportamental, tal como atestada no registro arqueológico egípcio.



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



## **A recepção dos modelos egípcios na Villa Adriana**

Evelyne Azevedo - Museu Nacional/UFRJ

A partir do exemplo da Villa Adriana e suas esculturas egípcianizantes pretendemos discutir a representação social e simbólica da apropriação de elementos egípcios na arte helenística e seu posterior impacto na sociedade romana alto imperial. Os elementos que constituem cada uma das esculturas de idade adriânica associados ao seu local de descoberta na villa tiburtina formam um programa iconográfico idealizado pelo Imperador Adriano que era baseado na relação Roma-Grécia-Egito. A linguagem utilizada por ele, inseriu não só elementos da arte grega, mas, principalmente, greco-egípcia para elaborar os tipos escultóricos que compunham o programa iconográfico de sua Villa, onde foram encontradas ainda esculturas egípcias, o que nos leva a supor que existisse um ateliê dentro dela e que estas fossem usadas como modelos para as esculturas egípcianizantes. De um lado, procurou-se imitar os modelos egípcios, e por outro, emular os gregos, buscando-se o modelo alexandrino dos reis ptolomeus. O objetivo deste trabalho é mostrar como a arte romana se apropriou de elementos egípcios para construir um gosto egípcianizante nas esculturas da Villa Adriana e determinar em que medida ela estabeleceu uma relação de recepção com a arte egípcia através da arte grega.

## **Daphnae et Tanis, recherches récentes sur deux sites urbains du Delta oriental du Nil**

Dr. François Leclère - Ingénieur de recherche; Directeur de la Mission française des fouilles de Tanis/École pratique des Hautes Études Paris – France

Les travaux menés depuis plusieurs décennies dans le Delta du Nil ont considérablement renouvelé les problématiques d'approche et d'étude des grands sites urbains de Basse Égypte, région qui a connu un développement particulièrement important durant le Ier millénaire av. J.-C. Deux d'entre eux, situés à quelques dizaines de kilomètres l'un de l'autre dans le Delta oriental, seront évoqués dans le cadre de cette présentation : Daphnae et Tanis.

Le premier, Tell Dafana — la Daphnae d'Hérodote et probablement la Tahpanhès / Taphnas biblique — n'était connu que par les résultats d'une courte campagne de fouilles de Flinders Petrie en 1886. Un minutieux ré-examen, dans le cadre d'un récent programme de recherches sous l'égide



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



du British Museum, de la documentation archéologique ancienne à l'aune de données plus récentes a permis de montrer que l'interprétation généralement admise des vestiges et du matériel autrefois mis au jour devait être révisée : si Daphnae était bien un poste-frontière établi au début de la 26e dynastie non loin de la branche Pélusiaque du Nil, les structures mises en évidence par Petrie ne correspondent pas à celles d'un camp militaire de ces mercenaires helléniques employés dans l'armée des pharaons saïtes, mais certainement à celles d'une enceinte classique à vocation religieuse.

Le vaste site de Tanis est plus communément connu : fondé au début du Ier millénaire av. J.-C. sur la branche Tanitique, la localité fut le foyer de la 21e dynastie et le lieu de sépulture des rois des 21e et 22e dynasties, retrouvées quasi-intactes par Pierre Montet dans les années 1930-1940, et resta une agglomération importante jusqu'à l'époque byzantine. Les fouilles régulièrement menées depuis le 19e siècle ont jusqu'à présent essentiellement porté sur les enclos religieux. Un nouveau programme de recherches engagé cette année par la Mission française des fouilles de Tanis (École pratique des Hautes études / Ministère des Affaires étrangères) vise à appréhender la structure urbaine dans sa globalité et son environnement fluvial et lagunaire. Une première campagne de larges prospections de différents types (magnétométrie, carottages, survey céramologique, résistivité électrique) ont apporté des résultats particulièrement prometteurs, qui seront présentés ici pour la première fois.

### **Dafnae e Tânis, pesquisas recentes sobre dois sítios urbanos do Delta Oriental do Nilo**

Dr. François Leclère - Engenheiro de Pesquisa; Diretor da Missão Francesa de Escavações de Tânis/École pratique des Hautes Études Paris - França

Os trabalhos conduzidos há muitas décadas no Delta do Nilo renovaram consideravelmente as problemáticas de abordagem e estudo dos grandes sítios urbanos do Baixo Egito, região que conheceu um desenvolvimento particularmente importante durante o primeiro milênio a.C. Dois dentre eles, situados a uma dezena de quilômetros um do outro, no delta oriental, serão evocados durante essa apresentação: Dafnae e Tânis.



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



O primeiro, Tell Dafana – a Dafnae de Heródoto e provavelmente Tahpanhes / Taphnas bíblica – era conhecido apenas pelos resultados de uma curta campanha de escavações de Flinders Petrie, em 1886. Um minucioso reexame, no âmbito de um recente programa de pesquisas sob a égide do British Museum, da documentação arqueológica antiga à luz de dados mais recentes, permitiu mostrar que a interpretação geralmente aceita dos vestígios e do material arqueológico antigamente trazidos à tona devia ser revisada: se Dafnae era um posto de fronteira estabelecido no início da XXVI dinastia não longe do ramo Pelusíaco do Nilo, as estruturas colocadas em evidência por Petrie não correspondem àquelas de um campo militar desses mercenários helênicos empregados no exército do faraó saíta, mas certamente àqueles de um recinto clássico com vocação religiosa.

O vasto sítio de Tânis é comumente mais conhecido: fundado no início do primeiro milênio a.C. no ramo Tanítico, a localidade foi o lar da XXI dinastia e o lugar de sepultura dos reis das XXI e XXII dinastias, encontradas quase intactas por Pierre Montet nos anos 1930-1940, e manteve-se como uma aglomeração importante até a época bizantina. As escavações regulares feitas desde o século XIX foram, até o presente, essencialmente voltadas para os recintos religiosos. Um novo programa de pesquisas engajado esse ano pela Missão Francesa de Escavações de Tânis ( École Pratique des Hautes Études / ministério das Relações Exteriores) visa tomar a estrutura urbana em sua globalidade e seu ambiente fluvial e lagunar. Uma primeira campanha de grandes prospecções de diferentes tipos ( magnetométrica, por tubos coletores, levantamento ceramológico, resistividade elétrica) trouxeram resultados particularmente promissores que serão apresentados aqui pela primeira vez.

### **A divindade Serápis: cultura, religião e sincretismo na Alexandria Greco-romana**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joana Campos Clímaco – UFAM

Desde que foi fundada por Alexandre, o Grande, em 331 a.C., Alexandria tornou-se um centro de confluência para vários povos do Mediterrâneo. Sua posição de frente para o mundo grego, além da estruturação inspirada nas antigas cidades-estado a tornaram um “corpo estranho” no Egito, embora aspectos nativos possam ser detectados desde as primeiras etapas de sua história.



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



*Seshat*  
Laboratório de Egiptologia

A dinastia dos Ptolomeus teve que criar formas de dialogar com as tradições milenares do território para ser aceita em solo egípcio. A difusão da divindade Serápis pela realeza macedônia é um caso sugestivo para analisar essa tentativa dos reis de estabelecer negociações com tradições mais antigas. Nesse sentido, Serápis pode ser pensada como uma metáfora de Alexandria, por representar o encontro de culturas discrepantes. Portanto, trata-se de uma chave para abordar o contexto ímpar de sincretismo e intercâmbios culturais possibilitados pela instalação dessa nova cidade no Egito.

### **Por uma visão egípcia: os símbolos e a imagética divina**

Patricia Cardoso Azoubel Zulli – FFLCH-USP

Desde a Antiguidade clássica é possível encontrar atitudes extremamente preconceituosas com relação aos deuses egípcios. Este estranhamento acontecia devido a vários fatores como a imagética (misturas entre homens e animais dentre outras) e pela mitologia recheada de simbolismos especificamente relacionados à sociedade egípcia. Muitos destes símbolos eram desconhecidos de outros povos vizinhos gerando uma sensação ainda maior de exotismo, contudo, atualmente, como temos acesso aos documentos escritos e conseguimos minimamente decifrá-los, conseguimos entender melhor alguns símbolos que antes pareciam-nos contraditórios.

Como exemplo de análise destas divindades será discutido a imagética de dois deuses; Anúbis e Bata. A partir da explicação de sua imagética, seguiremos com uma análise de como simbolismos podem ser explicados a partir da visão egípcia em uma narrativa da época intitulada “O Conto dos Dois Irmãos”. Será possível perceber como às vezes símbolos ligados a algumas divindades podem ser usados em outra deidade sempre que necessário e como isso está inserido na mentalidade religiosa egípcia.



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



## **Reinterpretando a devoção; analogias entre o estudo do Egito Antigo e o estudo da contemporaneidade católica**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata de Castro Menezes – PPGAS do Museu Nacional/UFRJ

Tendo como ponto de partida as pesquisas realizadas no Grupo de Pesquisa em Antropologia da Devoção (PPGAS/MN/UFRJ), pretendo discutir de que forma uma abordagem antropológica sobre religião na contemporaneidade pode contribuir para uma tentativa de "repensar a religião egípcia em seus próprios termos". Os pesquisadores do GPAD têm pesquisado manifestações rituais do catolicismo devocional no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, buscando questionar a abordagem clássica da devoção como fundamentalmente uma "troca interessada" entre santos e devotos. Num esforço de alargar as possibilidades interpretativas do fenômeno, eles têm se voltado à análise de categorias nativas, de objetos e outras materialidades, de gestos e outras manifestações corporais que materializam, movimentam e constroem a relação de devoção. É sobre alguns dos métodos que temos utilizado e de algumas interpretações alternativas que temos produzido que versará este trabalho, a fim de discutir com os participantes do seminário de que forma estes princípios poderiam ou não ser úteis ao estudo da religião egípcia da Antiguidade.

## **O que queremos que as mulheres nos escrevam? As cartas demóticas e os estudos de gênero entre a iconografia e a papirologia**

Thais Rocha da Silva – Seshat, Museu Nacional/UFRJ

O estudo da epistolografia demótica à luz dos estudos de gênero descortina uma série de problemas metodológicos. No entanto, as evidências iconográficas do período ptolomaico foram pouco exploradas nesses estudos e, muitas vezes utilizadas como meras ilustrações para afirmar ou não o letramento das mulheres. Pretendo examinar esse tipo de uso da iconografia em que subjaz um discurso de gênero, apontando alguns desafios metodológicos que a articulação entre esses campos de estudo têm pela frente.



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



**Sexta-feira – 05/12/2014**

### **Hermes Trismegisto: O Egito Antigo e o Pensamento Hermético Árabe**

Cintia Prates Facuri – Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Textos árabes relatam que teria vivido no Egito Antigo Hermes Trismegisto, um sábio identificado com o deus egípcio Thot e o deus grego Hermes. Seus escritos e suas lendas levantam muitos questionamentos por representarem um dos pilares de formação da cultura árabe em seu início. A fim de compreendermos melhor seu papel no pensamento árabe é necessário estar ciente das bases onde surgiu o hermetismo e sua recepção na Europa dos séculos XV e XVI. O objetivo desta conferência é percorrer a transmissão do hermetismo e seus conhecimentos desde o Egito Antigo, enfocando principalmente na formação do Hermes árabe e o papel por ele exercido no mundo e no pensamento árabe.

### **La tumba como ‘retrato’, entre la construcción social y la individual**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> María Violeta Pereyra Diretora da Missão Arqueológica Argentina à Luxor, Egito –  
Tumba de Neferhotep; Universidad de Buenos Aires

El moderno concepto de retrato, orientado a la representación de un individuo, se reexamina con el objeto de interpretar las diferencias documentadas en las diferentes imágenes del propietario de TT49 que fueron registradas en su monumento funerario.

Para ello se tuvieron en cuenta las principales características físicas y rasgos fisonómicos que se reprodujeron, más allá de cualquier consideración puramente estética, y se analizó en cada caso su localización en el contexto de cada plano y del espacio tridimensional para evaluar su función en la articulación de la sintaxis de las escenas que se integraron en el programa decorativo de la tumba.





UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



*Seshat*  
Laboratório de Egiptologia

## **Ética da serenidade na Filosofia de Amen-Em-Ope**

Prof. Dr. Renato Nogueira – UFRJ

O objetivo da apresentação é fomentar a discussão sobre filosofia africana antiga, especialmente em torno da vasta produção egípcia. Nós argumentamos que a filosofia é pluriversal. Portanto, a filosofia não nasceu na Grécia. Com uma crítica ao entendimento equívoco que percebe a filosofia como uma atividade exclusiva do Ocidente. O escopo central está na leitura dos Ensinamentos de Amen-em-ope, apresentando a ética da serenidade através dos caminhos da barca e medidas da balança.

## **Elementos do pensamento egípcio ocultos no discurso hermético**

Dr. Ronaldo G. Gurgel Pereira - Assistente de Post-doc da FCSH Universidade Nova de Lisboa;

Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Essa comunicação apresentará passagens comentadas da cosmogonia hermética. Seu objectivo é traçar paralelos entre elementos abstractos do pensamento religioso egípcio e a terminologia emprestada à filosofia que é empregada nos discursos herméticos.

Os textos herméticos desenvolveram uma cosmogonia própria. Eles defendem sua doutrina original é egípcia, mas tornou-se desnecessariamente complexa em razão do processo de tradução tanto para o idioma grego como para a linguagem do discurso filosófico.



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



*Seshat*  
Laboratório de Egiptologia

## PÔSTERES

### **Um estudo sobre a relação entre homem e mulher no Egito Antigo: a imagem da mulher na sociedade egípcia**

Ana Paula de Souza

Universidade Estácio de Sá

De acordo com as palavras de Ciro Flamarion Cardoso, a mulher no Egito Antigo era "Sui Juris" Isso significa que ela possuía certa autonomia legal, era responsável por seus atos perante a "Lei". Essa liberdade atribuída à mulher egípcia era um fator de estranhamento de outras sociedades ao se voltar para essa civilização, Homero alegou que no Egito, a mulher ia ao mercado negociar, enquanto o homem ficava em casa no tear. Tal comportamento social talvez se deva ao fator de que nessa sociedade homem e mulher faziam parte de um todo, como metades que se complementam em busca da unidade. Na cultura e na simbologia egípcia o gênero feminino estava sempre presente como uma forma de manter o equilíbrio. Os mitos cosmogônicos se baseiam na complementaridade de ambos os sexos, um bom exemplo é a cosmogonia heliopolitana, onde um deus andrógino dá origem à outros dois deuses. Na própria religião egípcia havia uma diversidade de deuses e deusas, as deusas possuíam grande importância. Era permitido às mulheres, inclusive, trabalhar fora, porém, tais serviços não deviam ser de exposição solar, pois nas representações podemos visualizar a pele feminina mais clara do que a masculina, isso comprova que elas não seria tão expostas ao sol. Um outro fator à se considerar, seja o de que grande parte das mulheres que trabalhavam fora não deveriam pertencer à classes sociais mais elevadas. As mulheres não possuíam as mesmas funções, existem relatos dentro da historiografia de mulheres que poderiam até ter sido escribas, bem como sacerdotisas. Mesmo Heródoto afirmando que o sacerdócio seria reservado aos homens.

O presente estudo busca analisar a historiografia e algumas representações imagéticas na busca de uma melhor compreensão das questões que envolvem o estudo de gênero dentro da sociedade do Egito Antigo. Usarei como recorte temporal a XVIII dinastia, na qual as representações artísticas mostram o faraó e sua rainha representados de forma andrógina, talvez



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



*Seshat*  
Laboratório de Egiptologia

uma forma de exaltar a importância que a mulher tinha dentro da concepção de equilíbrio para essa sociedade. Sem deixar de ressaltar que foi essa a dinastia da qual uma mulher, Hatshepsut, ascendeu ao mais alto posto hierárquico dessa civilização, o de faraó.

### **Perspectivas iconográficas y epigráficas sobre el gesto nini**

Andrea Paula Zingarelli  
Universidad Nacional de La Plata  
Silvana Elena Fantechi  
Universidad de Buenos Aires

Nini es un gesto realizado por ciertas divinidades egipcias con los brazos extendidos –que en algunos casos incluye el signo del agua (N35 de la lista de Gardiner) sobre las manos- frente a los difuntos y que fue representado en las tumbas tebanas. Sin embargo, encontramos evidencia textual de este gesto ya en los Textos de las Pirámides del Reino Antiguo y posteriormente en el Libro de los Muertos del Imperio Nuevo y figurativa en tumbas de fines de la dinastía 18. Nos proponemos analizar las distintas inclusiones de este gesto en el plano funerario, en particular en el programa decorativo de las tumbas de nobles de época ramésida. Haremos un estudio comparativo de las diosas que están haciendo el gesto nini en los contextos funerarios de acuerdo al período que pertenece la tumba y a su localización así como también al espacio en el que se las encuentra dentro de tales monumentos para establecer diferencias o semejanzas y proponer una explicación al respecto.

### **El protocolo real y el proyecto político subyacente durante la dinastía XVIII**

Elisa Neira Cordero  
Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires

El presente trabajo busca identificar la existencia de un proyecto político subyacente reflejado en la estructura de la fraseología real compuesta por el protocolo y los epítetos durante la dinastía



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



*Seshat*  
Laboratório de Egiptologia

XVIII puntualizando en el reinado de Thutmose III. Se parte de la hipótesis de que el protocolo real, constituido por cinco grandes títulos, representa dos aspectos del faraón en tanto ser divino y soberano reinante. Mediante el abordaje estructural y cultural de la fraseología real del Reino Nuevo, fundamentalmente la correspondiente a Thutmose III, se infiere una re-constitución del proyecto político como respuesta a la necesidad de re-creación del orden, función primordial del faraón. En el caso de Thutmose III no solo el re-ordenamiento se reflejó en sus epítetos seculares e ideológicos sino también la necesidad de destacar su extirpe divina y legitimidad al trono frente a la coregencia de Hatshepsut. Finalmente, se sostiene que la reiteración de nombres, tal como sucede con los thutmósidas, permite distinguir el apelativo a una memoria cultural empleada como instrumento de práctica y de discurso político en la fraseología real para sustentar el proyecto dinástico que pretendía retornar a la autocracia del Reino Antiguo.

### **Os Escribas e a cultura mnemônica: um estudo sobre o Reino Médio**

Érika Rodrigues de Maynard Ramos

USP

Durante o Reino Médio egípcio, os escribas se conformaram como um grupo da comunidade que não mais servia apenas aos interesses administrativos, mas também à demanda por um meio culto e educado da sociedade. Através deles, circulariam a propaganda real e doutrinação peculiares ao programa cultural daquele período. A partir de então, sua posição na sociedade foi reconhecida não somente pela habilidade na escrita e na leitura, como também pelo status conquistado. O acúmulo de conhecimentos literários diversos adquiridos nas escolas de escribas propiciou a eles se diferenciarem do restante da sociedade. Adicionado ao seu papel de receptores não passivos da cultura das elites, veio o de inventores de textos que condensaram e estabeleceram em escrita valores da cultura mnemônica, tanto para as elites como para a população em geral. Considerando os textos de instrução e didáticos, os contos em prosa, hinos e canções, a influência que exerceram na produção intelectual do Egito e a consolidação de seu status são abordadas como indicativos da circularidade entre cultura régia e cultura popular.



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



## **Una geografía de poder en la dinastía XII**

Gabriela Alejandra Lovecky  
Universidad de Buenos Aires

Los “Anales de Amenemhat II” representan una inscripción jeroglífica de gran valor en lo que respecta al estudio de diversas problemáticas presentes durante el Reino Medio. En esta oportunidad, me propongo como variable de análisis la construcción y visualización de una geografía y espacio de poder en torno a la figura de Amenemhat II, destacando una intencionalidad política dirigida a exhibir la base de autoridad y legitimidad con la que contaba el monarca frente a la elite. Al respecto, señalo como principales variables de análisis: el contexto histórico y la situación personal de los hechos narrados en el documento, el estudio de la institución de coregencia, una política exterior de expansión y dominación, y la circulación de los bienes obtenidos a partir de la misma como marco en el cual son presentadas las acciones reales. Por último, la indagación del sujeto receptor del discurso presente en los anales. En conjunto, se plantea la presentación de un espacio de poder cuyo fin se encuentra dirigido a la manipulación y control de las altas esferas políticas por parte de la autoridad real

## **O Duat como um Espelho de Kemet: A Questão do Post-Mortem no Papiro de Ani (XIX Dinastia do Antigo Egito)**

Keidy Narely Costa Matias  
UFRN

Este trabalho abarca o estudo de dois motivos recorrentes, presentes no Livro dos Mortos de Ani (XIX Dinastia), que nos fazem pensar que o mundo dos mortos dos egípcios antigos (Duat) era concebido tal como o mundo dos vivos (Kemet); esses motivos recorrentes são o movimento e a alimentação. Ao analisarmos o Livro dos Mortos percebemos que a busca incessante pelo movimento se coaduna com o igual interesse pela alimentação, características essas que bem podem se relacionar com o ba e com o ka, respectivamente, e que conseqüentemente são decisivas para a negação da morte, tal como o são para o restabelecimento da ordem cósmica (prejudicada pela



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



*Seshat*  
Laboratório de Egiptologia

ocorrência da morte). Através desses apontamentos, que fazem parte de nossa pesquisa de mestrado, propomos uma reflexão sobre a questão da morte no Egito Antigo, colocando o Duat como um espelho de Kemet.

### **La vida y la muerte en la conformación de redes sociales en la necrópolis tebana, Egipto**

Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Liliana M. Manzi

CONICET-IMHICIHU - Universidad de Buenos Aires

María Victoria Nicora

IHAO-FFyL, Universidad de Buenos Aires

Se analiza el proceso de consolidación territorial de la necrópolis tebana explorando el establecimiento de redes sociales mediante el estudio de grupos de influencias: la realeza -en la toma de decisiones- y la nobleza -sus vinculaciones con el poder central-.

En este marco tumbas y templos de millones de años pueden ser considerados como nodos en la red de relaciones sociales expresada en el paisaje y en las representaciones mentales. Dando muestra de una vinculación simbólica en la que interviene el relieve, como soporte físico y sus alusiones simbólicas a mitos de la creación y divinidades, y las estructuras arquitectónicas, representativas de personajes, filiaciones y cargos; con nexos establecidos en función de las distancias y las estrategias de visibilización.

Se propone que estas redes que vinculan lugares, personas y deidades están ligadas a aspectos discursivos que pueden observarse en ciertas fuentes documentales, como las Instrucciones a Merikara -Primer periodo intermedio- y los Anales de Amenemhat II -Reino Medio-, en cuanto a las continuidades que se observan en Tebas en el Reino Nuevo. Mostrando la pervivencia de los preceptos y los esfuerzos dirigidos a mantener el orden y la continuidad cultural y administrativa del Estado frente al caos.



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



*Seshat*  
Laboratório de Egiptologia

## **A Economia Antiga em Debate: O Caso do Egito Antigo**

Lívia Cristina de Souza Sigliani

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

O substantivismo polanyiano postula para a economia no Egito antigo a primazia da reciprocidade e/ou redistribuição das esferas centrais (palácio/templo) em detrimento das práticas mercantis, não obstante as novas perspectivas teóricas acerca da economia egípcia apontam para a existência de uma inter-relação entre a esfera estatal e a esfera privada na produção e trocas sociais. Pretende-se no presente trabalho analisar essa inter-relação rediscutindo o papel das instituições centrais (palácio e templo).

## **La Ciudad de Akhetaton y su Fundacion como Nuevo Centro del Poder Político y Religioso Egipcio**

María Laura Iamarino

Universidad de Buenos Aires

Entender qué llevó a Amenofis IV (luego Akhenaton) a fundar una nueva sede de poder en la tierra del actual sitio arqueológico de Amarna es una cuestión esencial para comprender la política del período en cuestión, y su dinámica. Rupturas y continuidades que el gobierno de Akhenaton tuvo en relación con sus antecesores inmediatos y con sus sucesores. Para ello analizamos en primer lugar la etapa tebana de Amenofis IV, en segundo lugar la existencia de posibles puntos de fusión o conflicto con la política de sus antecesores inmediatos y por último la evidente ruptura que decidieron llevar a cabo sus sucesores. Se discute la naturaleza de la idea de “corregencia” entre Amenofis III y Amenofis IV, pudiéndose analizar: a) en relación a la posibilidad que el traspaso del centro de poder se vincule con la coexistencia de dos proyectos políticos y religiosos diferentes, si no inclusive antagónicos; o b) dos proyectos que se parecen y aún se continúan, siendo el traslado de la capital la profundización del proyecto político religioso iniciado por Amenofis III y radicalizado por Akhenaton.



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



## **A Imagem Divina de Menkeret na Tumba de Tutankhamun**

Raizza Teixeira dos Santos - Seshat, Museu Nacional/UFRJ

Orientador: Prof. Dr. Antonio Brancaglioni Jr - Curador da Coleção Egípcia; Coordenador do Laboratório de Egiptologia do Museu Nacional - Seshat

Em minha pesquisa de conclusão de curso intitulada “Iconografia e Identidade: Uma Análise das Imagens Divinas Presentes na Tumba de Tutankhamun”, procurei identificar quais critérios poderiam ter sido utilizados na escolha das imagens divinas depositadas na tumba deste rei, tendo em vista a limitação do espaço disponível. Para isso, desenvolvi um catálogo próprio a fim de facilitar o estudo e investiguei principalmente as imagens das seguintes divindades: Menkeret, Netjer-ankh, Ptah e Sekhmet. Neste pôster apresentarei parte da pesquisa, especificamente a análise da estatueta divina representando Menkeret, carregando o Rei Tutankhamun, apresentando sua iconografia e buscando sua importância nesse contexto funerário específico.

## **A Cleópatra de Mankiewicz (1963): Imperialismo, eurocentrismo e etnicidade na representação cinematográfica da Antiguidade**

Renata Soares de Souza

Universidade Federal de São Paulo - Unifesp - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

De acordo com Nicole Ferrier-Caverivière, Cleópatra é tanto uma personagem histórica quanto uma personagem mítica do imaginário ocidental. Na contemporaneidade, sua imagem, de contornos maleáveis, é constantemente retomada, não só como um símbolo da milenar civilização egípcia, mas, também, como um ideal estético ocidental condicionado aos cânones da época. Em Hollywood, a representação de Cleópatra relaciona, dentro e fora das telas, uma perspectiva orientalista do Oriente como misterioso e exótico com a grandiosidade do Egito Antigo. Uma produção referencial nesse sentido é Cleópatra (1963), de Joseph Mankiewicz, que transpõe, na imagem da rainha, questões étnico-raciais que se relacionam com a política imperialista norte-





UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



*Seshat*  
Laboratório de Egiptologia

americana do período. Em contrapartida, ou não, às práticas de egiptomania como o cinema, a historiografia lança um novo olhar para Cleópatra e os reis ou faraós Ptolomeus. As especificidades de uma dinastia de origem greco-macedônica no Egito abriram margem a um longo debate acerca da origem e da ascendência de Cleópatra. Perceber o filme como um elemento propagandista inserido no contexto de disputas anticoloniais e de afirmação imperialista permite problematizar o estudo da Antiguidade, sobretudo, suas raízes e suas implicações culturais e políticas no século XX.

### **Isolamento e identificação de fungos em amostras retiradas de múmias egípcias da coleção do Museu Nacional do Rio de Janeiro**

Ricardo França Alves dos Reis

Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - ENSP/Fiocruz

Orientadoras: Dr.<sup>a</sup> Sheila Maria Ferraz Mendonça de Souza

Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - ENSP/Fiocruz

Dr.<sup>a</sup> Juliana da Matta Furniel Dutra Santiago

Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca - ENSP/Fiocruz

A proliferação de microrganismos em museus, relacionada aos processos de biodeterioração, pode representar riscos para a saúde dos visitantes e dos trabalhadores envolvidos na análise, manutenção e higienização das coleções arqueológicas, por causa da presença de espécies potencialmente patogênicas. Neste sentido, múmias são ambientes apropriados para o desenvolvimento de microrganismos, devido à variedade de materiais orgânicos e inorgânicos que as constituem, os quais se tornam substratos para o crescimento de bactérias, protozoários e fungos. Em 1995, um caso de proliferação fúngica em múmia egípcia foi documentado no Museu Nacional do Rio de Janeiro, após a penetração de água no local onde o corpo era mantido. Na época, além do risco de perda do espécime, alguns profissionais que trabalhavam para salvar este e outros materiais afetados, informaram a ocorrência de doenças. Após o incidente, algumas múmias foram acondicionadas em cápsulas plásticas com atmosfera anóxica para deter a proliferação de microrganismos. O presente estudo buscou avaliar a contaminação fúngica na múmia afetada



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



*Seshat*  
Laboratório de Egiptologia

(inv. 527), após longo tempo de preservação em condições especiais, e em outra múmia (inv. 170), não acondicionada desta forma, e em seus respectivos ambientes de exposição. Foram coletadas 25 amostras, entre corporais e ambientais, das quais 17 foram positivas para o crescimento fúngico. Foram isoladas 52 cepas de fungos filamentosos e leveduriformes. A partir de métodos taxonômicos convencionais, foram identificados 10 gêneros distintos entre os fungos filamentosos, sendo os principais *Aspergillus*, *Cladosporium* e *Penicillium*, comumente descritos como causadores de biodeterioração em múmias e como agentes etiológicos de diversas enfermidades humanas. A presença destes fungos no museu pode representar riscos para a saúde pública. Com isso, métodos cada vez mais estritos são sugeridos para a exposição e armazenamento das múmias, assim como maior cuidado no manuseio e análise das mesmas, evitando o contato e a disseminação destes fungos no ambiente.

### **Estudos não invasivos aplicados em Múmias Egípcias A “Bela de Tebas” (Múmia Nº 176)**

Simone Letícia Rosa Belmonte - Núcleo de Experimentação Tridimensional, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

Antonio Brancaglioni Jr - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Jorge Roberto Lopes dos Santos - Núcleo de Experimentação Tridimensional, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro; Laboratório de Modelos Tridimensionais, Instituto Nacional de Tecnologia, Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação.

Sheila Maria Ferraz Mendonça de Souza - Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, FioCruz

A Arqueologia é a ciência que investiga o passado humano a partir do estudo de “vestígios e restos materiais” deixados por povos que habitaram a Terra. Uma abordagem não destrutiva torna-se prioritária para a preservação de tais tesouros. Construimos modelos físicos e virtuais de múmias egípcias usando como metodologia a Tomografia Computadorizada. Além de preservarem os originais, essas tecnologias permitem um aprofundamento nos nossos estudos arqueológicos.

A Tomografia Computadorizada (TC) é um método complementar de diagnóstico médico por imagens, não invasivo. Trata-se de uma técnica radiológica, porém constitui-se num aparelho muito



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



mais complexo. Mesmo tratando-se de um equipamento desatinado a estudos em medicina, a TC serve também como método visualização da parte interna de objetos, e materiais.

A “Bela de Tebas” (Múmia Nº 176)

Com base no estudo das imagens tomográficas e na réplica da cabeça, foi possível reconstruir sua face: a de uma mulher jovem, de traços finos, corte de cabelo tipicamente egípcio, talvez de origem núbia. Graças à mídia, ela passou a ser conhecida como a “Bela de Tebas”, por ser essa a cidade de onde vieram os objetos dessa coleção. Nenhum adorno ou objeto foi encontrado junto da face ou do crânio, mas, surpreendentemente, a tomografia permitiu verificar que um cepo de madeira de palmeira havia sido colocado internamente ao pescoço e ao crânio, encontrando-se fixado por resina.

Essa evidência, entre outros aspectos, levou à hipótese de que a cabeça tenha sido remontada em seu corpo, num segundo embalsamento, após a múmia original ter sido danificada. É possível que, tal como descrito em muitos textos antigos, tenha havido violação e mutilação da múmia após seu primeiro funeral, o que levou à sua reparação ainda na Antiguidade.

### **Estudos não invasivos aplicados em Múmias Egípcias Sha-Amun-em-su “A Sacerdotisa Cantora de Amon”**

Simone Letícia Rosa Belmonte - Núcleo de Experimentação Tridimensional, Pontifícia  
Universidade Católica, Rio de Janeiro.

Antonio Brancaglioni Jr - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Jorge Roberto Lopes dos Santos - Núcleo de Experimentação Tridimensional, Pontifícia  
Universidade Católica, Rio de Janeiro; Laboratório de Modelos Tridimensionais, Instituto Nacional  
de Tecnologia, Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação.

Em 2003, foram iniciadas as pesquisas utilizando como método investigativo a Tomografia Computadorizada pela primeira vez na Múmia de Sha-Amun-em-su, exposta na Sala Egípcia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



*Seshat*  
Laboratório de Egiptologia

Os estudos realizados puderam comprovar que o caixão de Sha-Amun-em-su, o qual se encontra fechado, realmente permaneceu não violado ao longo dos séculos, mesmo após ser retirada de seu túmulo.

Nós utilizamos as imagens de Tomografia para reconstruir tridimensionalmente a múmia entre outros artefatos, tornando possível a materialização dos mesmos, através da impressão 3D.

Uma das possibilidades para o uso da Tomografia é a oportunidade cortar virtualmente algumas estruturas, como por exemplo, o crânio, tornando possível o estudo mais apurado do processo de mumificação.

Com os resultados pudemos confirmar que a Múmia de Sha-Amun-em-su possuía o “escaravelho-coração”, posicionado na altura de seu peito. Observamos também a presença de um rosqueado nas extremidades superior e inferior do escaravelho possibilitando futuramente a identificação do tipo de material o qual esse amuleto foi confeccionado.

Verificamos ainda a presença de amuletos no caixão de Sha-Amun-em-su, alocados as proximidades de suas mãos, os quais aparentemente encontram-se situados dentro de um curioso pacote. Esses somam num total de oito objetos, que provavelmente foram incluídos no processo de mumificação para acompanharem a “Cantora de Amon” em seu Pós-Vida.

Outro resultado foi à reconstrução de tecidos, que estão envoltos na garganta de Sha-Amun-em-su. Os antigos egípcios tomavam muito cuidado com detalhes em todo o processo de mumificação, certamente esse detalhe pode estar relacionado à importância de Sha-Amu-em-su em vida, podendo refletir e confirmar seu “status” como uma Sacerdotisa Cantora de Amon.



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



MUSEU NACIONAL  
UFRJ



*Seshat*  
Laboratório de Egiptologia

## ÍNDICE

|   |            |
|---|------------|
| Ana Paula de Souza .....                      | 34         |
| André Luís Silva Effgen.....                  | 15         |
| Andrea Paula Zingarelli .....                 | 35         |
| Antonio Brancaglioni Jr. ....                 | 39; 42; 43 |
| Christiane Zivie-Coche .....                  | 18         |
| Cintia Gama Rolland .....                     | 25         |
| Cintia Prates Facuri .....                    | 25; 32     |
| Claudia Rodrigues-Carvalho .....              | 20         |
| Daniel de Pinho Barreiros .....               | 26         |
| Elisa Neira Cordero .....                     | 35         |
| Érika Rodrigues de Maynard Ramos .....        | 36         |
| Evelyne Azevedo .....                         | 27         |
| Fábio Amorim Vieira .....                     | 21         |
| Fábio Frizzo .....                            | 22         |
| François Leclère .....                        | 27         |
| Gabriela Alejandra Lovecky .....              | 37         |
| Gisela Chapot .....                           | 16         |
| Joana Campos Clímaco .....                    | 29         |
| Jorge Roberto Lopes dos Santos .....          | 16; 42; 43 |
| Julián Alejo Sánchez .....                    | 22         |
| Juliana da Matta Furniel Dutra Santiago ..... | 41         |
| Keidy Narelly Costa Matias .....              | 37         |
| Liliana M. Manzi .....                        | 38         |
| Lívia Cristina de Souza Sigliani .....        | 39         |
| María Laura Iamarino .....                    | 39         |
| María Victoria Nicora .....                   | 38         |
| María Violeta Pereyra .....                   | 23; 32     |



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO



MUSEU NACIONAL  
UFRJ



*Seshat*  
Laboratório de Egiptologia

|   |        |
|---|--------|
| Patricia Cardoso Azoubel Zulli .....        | 30     |
| Pedro Luiz Diniz von Seehausen .....        | 23     |
| Raizza Teixeira dos Santos .....            | 40     |
| Regina Coeli Pinheiro da Silva .....        | 17     |
| Renata de Castro Menezes .....              | 31     |
| Renata Soares de Souza .....                | 40     |
| Renato Nogueira .....                       | 33     |
| Rennan de Souza Lemos .....                 | 17; 24 |
| Ricardo França Alves dos Reis .....         | 41     |
| Ronaldo G. Gurgel Pereira .....             | 33     |
| Sheila Maria Ferraz Mendonça de Souza ..... | 41; 42 |
| Silvana Elena Fantechi .....                | 35     |
| Simone Letícia Rosa Belmonte .....          | 42; 43 |
| Thais Rocha da Silva .....                  | 31     |
| Vanessa Fronza .....                        | 17     |